

OS ESTUDOS DE LETRAMENTO NO ÂMBITO DA LINGÜÍSTICA APLICADA: DIÁLOGOS QUE SE ENTRELAÇAM

Raimunda Valquíria de Carvalho Santos (UFRN/PPgEL)
valquiriaufrn@hotmail.com

Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN/PPgEL/DLC)
hamopaz@yahoo.com.br

RESUMO

Atualmente tem se ampliado as discussões a respeito dos Estudos de Letramento em diversas áreas do conhecimento, seja nos domínios acadêmicos, escolares, de formação de professores bem como nas atividades profissionais, e esta interdisciplinaridade corrobora com a inserção do letramento na área da Linguística Aplicada (LA). De acordo com Moita Lopes (2009) “a grande virada da LA ocorre quando, abandona-se a restrição de operar somente em investigação em contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e tradução, e passa a revelar interesse por questões de linguagem que permeiam outros campos da atividade humana”. Assim sendo, esta proposta objetiva analisar as relações existentes entre os Estudos de Letramento e a LA nas pesquisas contemporâneas. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa (BOGDAN; BILKLEN, 1994; CHIZZOTTI, 2000) de natureza bibliográfica (MOREIRA e CALEFFE, 2006; GIL, 2009). Teoricamente, fundamenta-se nos postulados dos Estudos de Letramento (KLEIMAN, 1995; 2001; OLIVEIRA, 2008; ROJO, 2009; PAZ, 2008) e na área da LA (MOITA LOPES, 2009; CELANI 2000; ALMEIDA FILHO, 2008; MENEZES, SILVA e GOMES, 2009), dentre outros. Como resultados, observamos que os Estudos do Letramento se efetivam cada vez mais no campo da LA, justamente por abarcar também um escopo de cunho interdisciplinar, fortalecendo assim, as investigações concernentes a linguagem que trazem como foco as práticas sociais. Essa pesquisa apresenta-se como relevante na medida em que não apenas colabora para o desenvolvimento dos trabalhos no campo de Linguística Aplicada como também legitima a importância dos estudos do letramento nas práticas cotidianas, as quais ilustram o quanto estamos cercados por atividades que demandam a necessidade do uso da leitura e da escrita para a efetivação de ações em campos distintos e ainda por não encontrarmos nas publicações contemporâneas pesquisas que tratem de forma específica deste tema.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada; Estudos de Letramento; Pesquisas contemporâneas.

ABSTRACT

Currently has expanded discussions about the Literacy Studies in various areas of knowledge , is in , school , academic fields of teacher education and in professional activities , and this corroborates the interdisciplinary integration of literacy in the area of Applied Linguistics (LA) . According Moita Lopes (2009) " the big twist occurs when the LA quits the restriction to operate only in research within teaching and learning of foreign languages and translation , and shall disclose interest in issues of language permeate other fields of human activity." Therefore , this proposal aims to analyze the relationships between LA and Literacy Studies in contemporary research. This is a qualitative research approach (BOGDAN ; BILKLEN , 1994; CHIZZOTTI ,

2000) bibliographic nature (MOREIRA e CALEFFE, 2006; GIL , 2009) . Theoretically , it is based in the postulates of Literacy Studies (KLEIMAN 1995; 2001; OLIVEIRA , 2008; ROJO , 2009; PAZ, 2008) and in the area of LA (MOITA LOPES , 2009; CELANI 2000; ALMEIDA FILHO, 2008; MENEZES SILVA e GOMES , 2009) , among others . As result , we observed that the Literacy Studies are effected increasingly in the field of LA , rightfully also cover a scope of interdisciplinary nature, thus strengthening the investigations concerning the language that bring focus on the social practices . This research is presented as relevant in that it not only contributes to the development of work in the field of Applied Linguistics but also legitimizes the importance of studies of literacy in everyday practices , which illustrate how we are surrounded by activities that require the need the use of reading and writing to the execution of actions in different fields and still do not find in contemporary research publications that address this issue specifically .

KEY-WORDS: Applied Linguistics; Literacy studies; Contemporary contexts.

1 INTRODUÇÃO

O termo *letramento* é, por vezes, entendido como um fenômeno observado através de diversas práticas e eventos nos quais tem como suporte os meios de convívio social, desde a escola, onde se prioriza a alfabetização como instrumento formador, posteriormente a família, a igreja, o ambiente de trabalho, dentre outros. Assim, o letramento não é uma abstração, conforme menciona Leal (2004), ao contrário é uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diversos espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas, permeado por condições reais.

Nesse sentido, pensamos ser possível afirmar que mesmo pessoas não escolarizadas podem ser consideradas como letradas. Principalmente, por levarmos em consideração o fato de ouvirem outras pessoas ler ou por verem desenvolver práticas de escrita. É justamente por essa concepção que muitos estudiosos da área consideram o letramento como um fenômeno, tendo em vista que a vida social é composta por muitas linguagens e em diferentes formas de uso.

Nessa perspectiva, compreendendo o letramento como o uso da leitura e da escrita em práticas sociais, modifica-se a ideia de que as pessoas analfabetas não são letradas, uma vez que convivem com diversas modalidades de textos, seja na igreja, nas ruas, em casa, nos hospitais, no supermercado, enfim, vivenciam eventos e práticas de letramento mesmo sem dominarem a leitura e a escrita.

Conforme Oliveira (2010), não há dúvida de que as práticas de letramento que ocorrem nos variados contextos atendem a funções e propósitos diferentes. Um bilhete que circula no ambiente familiar não apresenta as mesmas características de outro que é produzido, por exemplo, num local de trabalho, ou mesmo na escola. O *que* se lê e o *como* se lê são fortemente determinados pelo *lugar* de onde lemos. Não lemos, por exemplo, a bíblia em família do mesmo modo que a lemos na igreja. Nesta, o caráter evangelizador supera o interesse formativo, moral, ético que, na família, é esperado e alimentado.

Assim sendo, buscamos trazer nesse artigo leituras e discussões sobre as pesquisas contemporâneas dos Estudos do Letramento e da área da Linguística Aplicada, no intuito de evidenciar as mudanças ocorridas e formuladas nos campos em análise, fundamentando-nos em pressupostos de natureza bibliográfica.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1. LETRAMENTO: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

Letramento, nas palavras de Soares (2001), é muito mais que alfabetização, é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida.

Em meados dos anos 1980, conforme Soares (2003) ocorre à utilização do termo *letramento* no Brasil. Do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, do *literacy* nos Estados Unidos que eram empregados para nomear fenômenos distintos daquele denominado *alfabetização*, *alphabétisation*, incorpora, inicialmente, em nosso país, a acepção de alfabetização.

Uma das primeiras recorrências ao termo letramento no Brasil se efetiva no livro de Mary Kato, publicado em 1986 com o título *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Nele a autora diz acreditar que a língua falada culta é consequência do letramento. Posteriormente, em 1988, é publicado o livro, *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso* da pesquisadora Leda Tfouni, no qual a autora procura diferenciar os termos alfabetização e letramento. A partir de então, a palavra torna-se cada vez mais frequente no discurso escrito e falado de especialistas na área.

Muitos foram os estudos visando dissociar o termo letrado de alfabetizado, tendo em vista que no nosso país, esses termos foram por muitas vezes tratados como sinônimos. Nesse sentido, acreditamos que não basta simplesmente o indivíduo ser alfabetizado (saber ler e escrever), mas é necessário saber responder às exigências que a sociedade nos impõe continuamente no que concerne à prática da leitura e da escrita.

Dessa forma, observamos que não é preciso ser alfabetizado para ser letrado, um indivíduo, por exemplo, pode não saber decodificar os códigos linguísticos, todavia, pode muito bem realizar diversas atividades em sua comunidade, como recitar cordéis, poesias, fazendo uso do conhecimento empírico e da oralidade.

Soares (2001) chama a atenção para as divergências entre os termos letrar e alfabetizar, numa perspectiva de evidenciar a importância de uma melhor compreensão desses termos. Segundo ela:

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2001, p.47)

Nesse sentido, alfabetizar com foco no letramento se estabelece a partir dos conhecimentos já construídos pelos alunos e trabalhando as habilidades na tentativa de promover o desenvolvimento das aptidões comunicativas. E, como explica Leal (2004) isto representa desenvolver as potencialidades de comunicação, no que diz respeito à fala, à capacidade de argumentação eficiente e, com isso, construir oportunidades reais de participação e de decisão nos diferentes contextos sociais. Apoiando-se no dizer de Freire (1974), a autora revela que:

Aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que homens e mulheres percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. (FREIRE, 1974, p. 49 *apud* LEAL, 2004, p. 55)

Outras duas grandes publicações que contribuíram para as discussões acerca de letramento e alfabetização são os livros *Letramento e alfabetização* de Tfouni, publicado em 1995 e *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, organizado por Kleiman em 1995. No primeiro, a autora explica no prólogo como foi levada a usar o neologismo *letramento* e para colaborar também com os estudos na área. No segundo, uma coletânea de textos busca abordar os diferentes aspectos do letramento.

kleiman (1995) com base nos estudos de Scribner e Cole (1981) afirma que o letramento pode ser definido como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Segundo a autora:

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 1995, p. 19)

Nessas discussões, observamos que o educador Paulo Freire contribuiu para o estabelecimento do letramento no Brasil. Segundo ele, ao se tornar alfabetizado, o sujeito teria um meio para tomar consciência da sua realidade e de transformá-la. Dessa forma, o letramento poderia tanto ser um meio para a libertação, como para a sua domesticação, dependendo do contexto ideológico em que ocorre.

Referentemente à discussão do termo letramento, Mortatti (2004) ressalta que a própria definição do termo tem sido marcada por certa fluidez e imprecisão, o que talvez se possa explicar pelas variadas formas que se caracterizam as novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita.

O conceito de letramento envolve sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição, e subjacentes a muitas definições para o termo estão as duas principais dimensões que assumem o termo: a dimensão individual e a dimensão social, como afirma Soares (2001):

Quando o foco é posto na dimensão individual, o letramento é visto como atributo pessoal, parecendo referir-se, como menciona (Wagner, 1983, p.5 *apud* Soares, 2001, p.66), à simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever. E, quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita (SOARES, 2001, p. 67).

No Brasil, de acordo com Tinoco (2008), existem pelo menos duas definições, a partir de um enfoque mais individual ou mais social: a primeira associa letramento a “um estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1998, p.38). A segunda o associa a “práticas sociais cujos modos

específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas as quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (Kleiman, 1995, p. 11).

Nesses termos, discutem-se também dois modelos de letramento: o “autônomo” e o “ideológico”. O primeiro caracteriza-se por pressupor uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento, quase sempre associada a resultados e efeitos civilizatórios, de caráter individual (cognitivos) ou social (tecnológicos, de progresso e de mobilidade social). Todavia, o modelo ideológico estabelece que as práticas de letramento são social e culturalmente determinadas e, portanto, assumem significados e funcionamentos específicos dos contextos, instituições e esferas sociais em que se desenvolvem.

Os pesquisadores que adotam a perspectiva do modelo ideológico vão investigar práticas de letramento contextualizadas em esferas sociais específicas (grupos, instituições, contextos), nas quais os funcionamentos comunicativos e discursivos particulares da esfera social dimensionarão, numa pluralidade de relações complexas e dentro de práticas letradas, oralidade e escrita, que não podem mais ser vistas de maneira dicotômica.

O fenômeno do letramento, como menciona Kleiman (1995), extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita, assim, pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, (modelo ideológico), mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola.

Diante do exposto, observamos que a escola na condição de agência de letramento, ainda deixa a desejar no que concerne ao trabalho voltado para as práticas sociais de uso da leitura e da escrita, tornando o trabalho pedagógico muitas vezes repetitivo, descontextualizado e até mesmo cansativo.

Assim, conforme Leal (2004), o interesse não se localiza em uma escola que deseje passar, repassar e medir conteúdos, estes podem até formar sujeitos de conhecimento, sem, no entanto, garantia de formá-los reflexivos e humanos. A questão não é, portanto, de mensurar o quanto o sujeito (aluno) conhece, nem o quanto lê e escreve, mas, fundamentalmente, de saber que relações estabelecem e que uso faz do conhecimento e do aprendizado do ler e do escrever.

O letramento, dessa forma, requer que uma base cultural seja garantida, o que permite que assuntos escolares, as disciplinas ministradas ganhem importância, se direcionadas para suprir as lacunas que de um modo ou outro, são consequências de outras lacunas, tais como a econômica, a política e a social (LEAL, 2004, p. 57).

O conceito de *mundos de letramento* discutido por Tinoco (2008) enfatiza a natureza situada das práticas sociais de leitura e escrita, o que implica argumentar em favor da inexistência de um conjunto de práticas que poderiam caracterizar *o letramento*, no singular, pois não há apenas um letramento, mas sim, letramentos, que ocorrem em diferentes esferas da atividade humana e são orientados por propósitos comunicativos particulares, em função dos quais sistemas simbólicos, gêneros e suportes são adequados.

Assim sendo, observa-se, portanto, que não existe apenas um letramento, mas sim práticas de letramento que ocorrem nas mais diversas interações sociais.

Conforme Tfouni (2006), os estudos do letramento possibilitam focalizar os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, de modo a se investigar “não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo”.

O que o letramento é depende essencialmente de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social, como afirma Soares (2001). Desse modo, o letramento é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando, e por que ler e escrever.

Nesses termos, destacamos a importante contribuição dos estudos do letramento para a reflexão sobre o ensino da língua escrita na escola, tendo em vista a amplificação do universo textual, pois representa, a inclusão de novos gêneros e de novas práticas sociais desenvolvidas nas instituições de ensino.

2.2. POR QUE LETRAMENTOS?

Não há mais atualmente como discorrer sobre o termo letramento numa visão singular, tendo em vista que o letramento foi pluralizado ao longo das transformações ocorridas nas últimas décadas. Assim, podemos compreender que o letramento, pode ser visto como múltiplo, crítico, ideológico, cultural, dêitico, digital, entre outros.

Oliveira (2010) evidencia em seu artigo intitulado *Gêneros textuais e letramento*, a pluralidade do letramento e discute a valorização dos usos da leitura e da escrita como práticas sociais por oposição à compreensão do letramento visto como um modelo autônomo e homogeneizante, encapsulado unicamente no processo de escolarização. Na visão da autora, o ler e o escrever como uma habilidade deu lugar à compreensão de um novo conceito, de natureza plural – letramentos. Assim sendo, ilustra essa mudança trazendo à baila considerações e estudos sobre essa pluralidade:

- a) *Letramentos múltiplos*: os estudos reenquadraram-se, passando a destacar a complexidade da vida social, a pluralidade dos contextos sociais e culturais, a força das mudanças sociais e a implicação dessas mudanças nas práticas de letramento cotidianas.
- b) *Letramento ideológico*: A postulação das noções de ‘letramento autônomo’ em oposição a ‘letramento ideológico’, sendo entendida a primeira como uma tecnologia neutra e universal, cuja aquisição, por si mesma, produz efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo e social, e a segunda como um posicionamento sensível ao caráter sociocultural das práticas de letramento e às estruturas de poder na sociedade (STREET, 1993 apud OLIVEIRA, 2010, p.333), suscita uma rica discussão sobre a natureza ideológica dos letramentos, tendo em vista que não há mais nenhuma orientação de letramento atualmente que não seja de natureza ideológica.
- c) *Letramento cultural*: O entendimento de que as práticas de letramento estão sempre encaixadas em específicos contextos culturais tem sido um recorrente tema de estudo particularmente no campo da pesquisa etnográfica. Essas pesquisas salientam a natureza situada dos letramentos e discutem o fato de alguns serem ‘invisíveis’ em relação a outros considerados ‘visíveis - dominantes’ (BAYNHAM, 1995, p. 246 apud OLIVEIRA 2010 p.334). É evidente que o letramento escolar goza de legitimação e, em razão disso, é visto como um parâmetro para avaliação dos letramentos locais. Assim sendo, as grandes críticas dirigidas aos letramentos locais referem-se às ‘limitações’ desses letramentos, à forma ‘romântica’ como estes são olhados e às relações que são estabelecidas entre eles e os letramentos distantes, noutros termos, entre o ‘local’ e o ‘global’.
- d) *Letramento crítico*: estudiosos afirmam que o propósito maior dessa orientação é formar o cidadão crítico capaz de analisar e desafiar as forças opressoras da sociedade, de forma a torná-la mais justa, igualitária e democrática; capaz de lutar contra a ‘cultura do silêncio’ e defender a produção de um conhecimento cultural

como um elemento de força no jogo de discursos conflitantes (FREIRE, 1973; McLAREN, 1988; GIROUX, 1997 apud OLIVEIRA, 2010, p.336).

- e) *Letramento dêitico*: as abordagens etnográficas de letramento, a consideração desses aspectos enunciativos indica a natureza dêitica das práticas de letramento ou o seu caráter situacional, sua dimensão histórica e topográfica. Essa natureza explica por que as práticas de leitura e escrita são dinâmicas: mudam em termos de forma e função; evoluem e se transformam segundo condições sócio-históricas. (OLIVEIRA, 2010, p. 329-336)

No que diz respeito ao *letramento digital*, muito discutido nas pesquisas atuais da área, observamos a urgência da efetivação desse letramento nas práticas docentes, por compreendermos que é preciso não apenas saber lidar com as ferramentas tecnológicas, mas também, saber como trabalhar com esses recursos na sala de aula. Isto constitui um desafio para os professores, pois, muitas vezes mostram-se resistentes a acompanhar mudanças.

De acordo com Xavier (2013), o letramento digital traz consigo uma série de situações de comunicação nunca vividas antes da chegada das inovações tecnológicas computacionais. Nesse sentido, notamos que cada vez mais estamos cercados por inovações desde a propagação do acesso em larga escala da internet, temos a existência de salas de bate papo (*chat*), fóruns eletrônicos, e-mails, novos softwares, os quais contribuem para o desenvolvimento das atividades humanas, com maior rapidez e praticidade.

2.3. EVENTOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

No âmbito das discussões sobre os Estudos de Letramento, é importante destacar em que consistem seus eventos e práticas. Segundo Barton e Hamilton (2000, *apud* MARCHSCHI, 2001), o evento de letramento pode ser visto como episódios observáveis que emergem de práticas e são por elas moldados, os eventos de letramento são situações comunicativas mediadas por textos escritos.

Para Heath (1983, *apud* OLIVEIRA, 2008), o evento de letramento pode ser entendido como qualquer ocasião em que parte da escrita está integrada à natureza das intervenções dos participantes, suas estratégias e seus processos interpretativos correspondem a qualquer sequência de ação, envolvendo uma ou mais pessoas, na qual a produção e a compreensão da escrita exercem um papel.

Nessa perspectiva, eventos de letramento compreendem todas as ocasiões nas quais a interação entre os indivíduos ocorre por meio do uso de textos escritos, orais e visuais. Refere-se, portanto, às ocorrências reais e observáveis, podendo ser analisadas mediante um estudo de foco etnográfico.

A noção de prática de letramento, segundo Barton e Hamilton (2000, *apud* MARCHSCHI, 2001), diz respeito aos modos culturais gerais de utilizar o letramento que as pessoas produzem num evento de letramento. Assim, as práticas de letramento são modelos que construímos para os usos culturais em que produzimos significados na base da leitura e da escrita, como explica Street (1995, *apud* MARCHSCHI, 2001).

Para Kleiman (1995), as práticas de letramento são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida.

3 A LINGÜÍSTICA APLICADA E OS ESTUDOS DE LETRAMENTO CONTEMPORÂNEOS

3.1. LINGÜÍSTICA APLICADA: ALGUNS DIZERES

Moita Lopes um grande pesquisador no campo dos estudos da linguagem, principalmente na área da Linguística Aplicada (LA), destaca em seu artigo *Da aplicação de lingüística à Linguística Indisciplinar* (2009), que a LA é uma área que começa nos anos de 1940, com o interesse por desenvolver materiais para o ensino de línguas durante a Segunda Guerra Mundial, tendo uma Associação Internacional (AILA) instituída em 1964, quando ocorre o primeiro evento internacional da área.

De acordo com Menezes *et al* (2009), o objeto de investigação da LA é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou de outra língua, seja em qualquer outro contexto em que surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem. A LA nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre o ensino de línguas estrangeiras e hoje se configura como uma área imensamente produtiva, responsável pela emergência de uma série de novos olhares sobre o que é ciência.

Menezes *et al* (2009) ainda destaca que a LA se expandiu na segunda metade do século passado, tanto no exterior como no Brasil, com a criação, de Norte a Sul do país, de muitas linhas de pesquisa, programas de Pós-graduação ou área de concentração. Alguns marcos dessa expansão são:

1º A criação em 1970, do Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), posteriormente Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), com a criação do doutorado, em 1980, conforme informações da página na web do programa;

2º A criação do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e seu periódico *Trabalhos em Linguística Aplicada*;

3º outro marco é a criação da Associação de Linguística Aplicada no Brasil (ALAB) em 1990. (MENEZES *et al.* 2009, p.28-29)

Cook (2003) *apud* Menezes *et al* (2009), aborda o escopo da LA de uma forma interessante, ele diz que como a linguagem está implicada em nossa vida diária, há um número aberto de atividades em que a LA seria relevante e propõe três áreas gerais, vejamos:

(1) linguagem e educação, (2) linguagem, trabalho e leis, e (3) linguagem, informação e efeitos. Cada uma dessas áreas abrigaria uma série de estudos. A primeira incluiria aquisição de língua materna e estrangeira, estudos clínicos e avaliação. A segunda abrangeria a comunicação no trabalho, planejamento linguístico e Linguística Forense. E, a terceira compreenderia Estilística Literária, Análise Crítica do Discurso, Tradução e Interpretação, questões de edição e Lexicografia. (COOK, 2003 *apud* MENEZES *et. al.* 2009, p. 36)

Na concepção de Almeida Filho (2008), a Linguística Aplicada é uma área autônoma da linguagem, caracterizada por pesquisa de tipo aplicado (não restritivamente de aplicação). Possui metodologia própria, nem sempre ensinada explicitamente em programas nacionais de LA no

país. Assim, manifesta-se em estudos ou investigação sistemática a partir de tópicos constituídos, de fenômenos definidos a partir do seu objeto de direito em subáreas reconhecidas como a da tradução, ensino-aprendizagem de línguas, usos da lexicografia e terminologia, além de relações sociais mediadas pela linguagem.

Para Celani (2000), a LA é articuladora de múltiplos domínios do saber que têm preocupação com a linguagem. Na visão da autora, à LA:

É mediadora de mudanças na sua comunicação com a coletividade e com a participação desta, tendo em vista que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha papel instrumental na construção dos contextos sociais nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de ordem educacional, social, política e até econômica (CELANI, 2000, p. 20)

Não é difícil compreender que os caminhos da LA são cada vez mais promissores nos estudos da linguagem, na medida em que observamos o quanto cresceu desde a sua efetivação e também a sua abrangência não apenas nos contextos escolares, mas em outras áreas que envolvem e/ou estudam a linguagem.

Ainda de acordo com Celani (2000), a contribuição da LA na área do ensino/aprendizagem de línguas é vasta e direta, no que se refere à aprendizagem de língua materna, a alfabetização, o letramento, a relação entre linguagem e trabalho, a aquisição e desenvolvimento da linguagem são áreas que dependem diretamente dos avanços nas pesquisas em LA para seu desenvolvimento, e são fundamentais.

São muitos os dizeres no campo da LA, principalmente por apresentar-se como uma área inter/multi/transdisciplinar, preocupada especialmente com as práticas sociais cotidianas. Essa configuração não deve ser vista com receio, desconfiança pela perda da especificidade da área, pois é preciso compreender que a sua fluidez, a sua mestiçagem contribuem para a construção do conhecimento sobre a vida humana.

Pensando nas novas configurações da LA, na última década, observamos no trabalho de Alastair Pennycook (2006), intitulado *Uma Linguística Aplicada transgressiva*, fortes discussões sobre a LA engajada em práticas problematizadoras, que transgredi fronteiras do pensamento e da política tradicional.

A teoria transgressiva assinala a intenção de transgredir, política e teoricamente, os limites do pensamento e da ação tradicionais, não somente entrando em território proibido, mas tentando pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito, almeja atravessar fronteiras e quebrar regras, tem como meta um posicionamento reflexivo sobre o que e por que atravessa, é entendida como em movimento em vez de considerar aquilo em relação ao que é “pós”, é pensada para a ação e a mudança. (PENNYCOOK, 2006, p. 82).

De acordo com Rojo (2006), a diversificação de enfoques, temas, objetos e, decorrentemente de teorias, descrições e metodologias própria dos anos 1990, contribuiu fortemente hoje para se recolocar a discussão da identidade da LA como um todo, pois, se no passado, a questão da identidade da área tinha a ver com suas fronteiras em relação à linguística, hoje se reconhece a natureza transdisciplinar da LA em suas relações com a educação, a psicologia, a etnografia, a comunicação, a sociologia, dentre outras.

Nessa perspectiva, pensar na LA em seu caráter transdisciplinar é acima de tudo enxergar suas mudanças, viradas e tentativas de consolidação nos estudos da linguagem. Os quais evidenciam as práticas sociais, relacionando assim teoria e prática, trazendo a baila questões que afligem o social e que contribuam para a construção do conhecimento de maneira situada.

3.2. LETRAMENTO NO CAMPO DA LINGÜÍSTICA APLICADA

No que concerne os Estudos do Letramento, Rojo (2009) discute que o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolva a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados, locais ou globais, recobrimdo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

Hamilton (2002) *apud* Rojo (2009) apresenta dois modelos de letramento, devido seu aspecto plural, são eles: letramento dominante e letramento local ou vernacular, embora não os veja como categorias independentes ou radicalmente separadas, mas interligadas. Para a autora:

Os letramentos dominantes estão associados a organizações formais tais como a escola, as igrejas, o local de trabalho, o sistema legal, o comércio, as burocracias. [...] Já os letramentos locais ou vernaculares não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais. Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência. (HAMILTON, 2002, p.04 *apud* ROJO, 2009, p. 102)

Pensar nos estudos do letramento exige refletir sobre muitas questões que permeiam a vida humana, principalmente por compreendermos que começamos a lidar com os eventos de letramento desde que nascemos, tendo em vista que estamos cercados por textos, sejam escritos, orais, visuais entre outros. Assim, não podemos dizer que existem sujeitos iletrados, nem tampouco que há níveis ou graus de letramento, como já foi discutido há alguns anos, o que de fato existe são letramentos diferentes.

Nesse sentido, analisamos que os estudos do letramento se relacionam muito bem com as investigações da LA, exatamente por se apresentar de maneira também mestiça, inter/transdisciplinar, preocupados com as práticas sociais, deixando de lado, investigações que não se voltam para as demandas sociais do cotidiano. Nesse sentido, o sujeito que consegue pegar um ônibus e chegar ao local desejado, mesmo sem saber ler, é um sujeito letrado, que dispõem de conhecimentos.

De acordo com Moita Lopes (2006), construir conhecimento tem tudo a ver com a vida contemporânea. Assim, todo conhecimento em ciências sociais e humanas é uma forma de conhecer a nós mesmos e de criar possibilidades para compreender a vida social e outras áreas, as questões indenitárias estão interessando a tantos pesquisadores exatamente quando se problematiza a importância de pensar outras sociabilidades para a vida social, o que é o principal projeto político da atualidade.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No que diz respeito às discussões apresentadas nesse estudo, observamos que discorrer sobre os Estudos do Letramento na contemporaneidade é acima de tudo refletir sobre as transformações ocorridas ao longo das décadas em relação à compreensão do termo. No Brasil, desde os anos oitenta, foram suscitadas as discussões sobre o letramento e a partir de então, notamos a crescente necessidade de leituras e publicações a respeito, pois se antes letramento e alfabetização eram vistos como sinônimos, hoje, a alfabetização se constitui uma das fases do letramento.

Evidenciamos também, que para dar conta das demandas sociais com relação à linguagem foi preciso pensar o letramento no plural, pois não há como dizer que existe um letramento, mas sim vários, principalmente, pela disseminação da informação, de conhecimentos, de pesquisas, enfim da agilidade com que as práticas de leitura e escrita se presentificam e circulam socialmente.

No tocante a relação dos Estudos de Letramento com a Linguística Aplicada, observamos que se pensar no letramento exige vê-lo na sua pluralidade, assim como refletir sobre o campo da LA, que abarca muitas possibilidades de pesquisas, seja em contextos escolares, em estudos de línguas, tradução, bem como em áreas diferentes, como da saúde, da engenharia, da economia, psicologia, dentre outras.

Por fim, após as leituras e pesquisas realizadas para a efetivação desse trabalho, encontramos apenas uma publicação que faz menção à relação entre letramento e LA, mas de forma muito breve, pois trata superficialmente da LA e o processo de letramento, analisa também a alfabetização e a escolarização. Diante disso, ressaltamos a relevância desse artigo, pois visa contribuir para a expansão das pesquisas contemporâneas que abarquem os Estudos de Letramento e a Linguística Aplicada.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. A linguística aplicada na grande área da linguagem. In: SILVA, K.A.; ALVAREZ, M. L. O. **Perspectivas de investigação em linguística aplicada**. Campinas: Pontes, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução por: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Batista. Portugal, Porto editora. 1994.

CELANI, M.A.A. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M.; TOMITCH, L.M.B. (Orgs). **Aspectos da linguística aplicada**: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studeis: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Orgs). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Sujeito letrado, sujeito total: implicações para o letramento escolar. MELO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (Org.). *Letramento: significados e tendências*. Rio de Janeiro: Wark, 2004, p. 51 – 64.

MARCHSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. *Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001, p. 23 – 50. (Coleção ideias sobre linguagem)

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos . In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz. Paulo. Da aplicação da linguística a linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA-LOPES, Luiz. Paulo. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-107.

MONTEIRO, Rosimeire Selma. A linguística Aplicada e o processo de letramento. Disponível em < <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl21Art15.pdf>. Acesso em > 03 de mar. de 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros textuais e letramento. Ver. *RBLA*, Belo Horizonte, v.10, nº 2, p. 325–345, 2010. Disponível em < http://www.letras.ufmg.br/rbla/2010_2/02-Maria%20do%20Socorro.pdf. > Acesso em: 15 de fev. 2014.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Projetos: uma prática de letramento no cotidiano do professor de língua materna. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro e KLEIMAN, Ângela B. *Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações*. Natal, RN: EDUFRRN, 2008, p. 93 – 118.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

ROJO, R. H. R. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo:Parábola, 2006, p. 252-275.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 95 a 127.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Rev. Brasileira de Educação. Minas Gerais, n° 25, p.05–17, 2003. Disponível em: < www.anped.org.br/reunioes/26/outrostextos/semagdasoares.doc. > Acesso em: 01 de mar. 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada*. Edição revisada. São Paulo: Cortez, 2006.

TINOCO, Glícia Azevedo. Mundos de letramento de professores em formação no agreste norte-río-grandense. In: OLIVEIRA, Maria do Socorro e KLEIMAN, Ângela B. *Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações*. Natal, RN: EDUFRRN, 2008, p. 63 – 89.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. Disponível em < <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em > 04 de mar. de 2014, p. 01-09.